



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras - IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - LET

ELIZIO JOSÉ BEZERRA BRAGA

A TRADUÇÃO DA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE MARIO LEVRERO

Brasília - DF

2016

ELIZIO JOSÉ BEZERRA BRAGA

A TRADUÇÃO DA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE MARIO LEVRERO

Monografia apresentada ao Curso de Letras-Tradução / Espanhol da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Letras-Tradução.

Orientadora: Magali de Lourdes Pedro

Brasília - DF

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

Projeto Final de Curso apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol.

Elizio José Bezerra Braga

Data da defesa: Brasília, 07 de julho de 2016.

Banca Examinadora

Prof^a Magali de Lourdes Pedro (LET-UnB)
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Sandra María Pérez López (LET-UnB)

Prof. Dr. Júlio César Monteiro (LET - UnB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me permitiu chegar até aqui, à minha família pelo apoio e aos meus professores, professoras e à minha orientadora, pela privilegiada formação acadêmica que recebi.

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta,
Pobre ou terrível, que lhe deres:
– Trouxeste a chave?*

(Carlos Drummond Andrade)

A meu filho Fernando pela sua luz que ilumina minha vida com muitas alegrias, a meu(minha) filho(a) que nascerá nesse ano, à minha esposa Maria que segue meus passos com amor e carinho e aos meus pais, irmãs, sobrinho e sobrinhas que, mesmo distantes fisicamente, estão sempre presentes, espiritualmente, no meu coração.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de tradução espanhol para o português de parte da obra *El discurso vacío*, de autoria de Mario Levrero, acompanhada de comentários relativos ao processo tradutório.

Palavras chaves: tradução, literatura, autobiografia, Mario Levrero

RESUMEN

Este trabajo presenta una propuesta de traducción del español al portugués de parte de la obra *El discurso vacío*, de autoría de Mario Levrero, acompañada de comentarios relativos al proceso traductor.

Palabras claves: traducción, literatura, autobiografía, Mario Levrero

Sumário

1. Introdução	10
2. Literatura e autobiografia.....	12
3. O autor e a obra.....	14
4. Considerações Finais.....	17
5. Referências bibliográficas.....	18

1. INTRODUÇÃO

Entender essa força do inconsciente que, imagino, pode se manifestar tanto nos sonhos como também na tradução, ajuda o tradutor em suas escolhas durante o ato tradutório? Seria possível, então, apreender o nível de sua repercussão nesse ato, quando o tradutor está tomando decisões a todo momento?

Tudo isso, resulta em uma tarefa extremamente difícil para o tradutor, não bastassem outros fatores que podem influenciar seu trabalho. A tradução de uma autobiografia traria, por isso, desafios adicionais, já que os autores narram suas vidas pessoais e em algumas dessas narrativas os sonhos estão presentes como manifestação do inconsciente. As narrativas do eu implicam a expressão não só de pensamentos como também de sentimentos que são carregados pelas palavras que buscam dar-lhes um significado, um sentido. O que dizer, então, das fronteiras porosas entre a realidade e a ficção às quais esse tipo de narrativa está submetida e na qual o tradutor tem um papel importante em articulá-las.

Para Freud, os sonhos têm um papel importante na revelação do inconsciente das pessoas. Partindo desse pressuposto, acredito que o autor autobiográfico, ao utilizar a linguagem onírica para se expressar em sua obra, estaria sujeito a essas revelações. Nessa condição, a tradução autobiográfica percorreria um caminho com novos desafios. Estaria, assim, o tradutor também condenado a sentar-se no divã de Freud para entender e processar suas escolhas?

O inconsciente pode ser acessível ao pensamento consciente. Como diz Mannoni (1976), o Inconsciente comumente aparece como aquilo que se fala, quando, na realidade, ele fala à sua maneira, com sua sintaxe particular. Daí a frase famosa de Lacan segundo a qual o inconsciente “é estruturado como uma linguagem” (Mannoni, 1976, p. 53).

Sabemos o quanto, para Freud, a linguagem, longe de ser o lugar transparente da verdade, é o lugar do ocultamento (Garcia-Roza, 1988, p. 66).

Meu trabalho não é uma nova descoberta, mas o assunto requisitado por ele tem grande potencial de discussão. Por isso, julguei oportuno despertar o interesse do tradutor pelo mundo do inconsciente. Não quero insinuar aqui que o tradutor seja submetido a um currículo que exija uma formação psicológica e sim chamar a atenção para uma realidade na qual uma espécie de compulsão inconsciente travestida ou não de algum preconceito possa suplantar uma decisão consciente durante o processo tradutório. Gostaria até que o próprio Freud estivesse vivo para que opinasse sobre isso, já que ele também fez traduções.

Freud queria alcançar as neuroses (patologias) através da análise dos sonhos. Sobre esse tema Jung (1995) faz as seguintes considerações:

Pode-se dizer que o sonho é como a pedra desprezada pelos pedreiros e que depois se tornou a pedra angular. Efêmero e insignificante produto da nossa alma, o sonho nunca foi tão desprezado como em nossos dias. Antigamente, era muito valorizado como um prenunciador do destino, admoestando e consolando, como um emissário dos deuses. Hoje, é utilizado como porta-voz do inconsciente; sua função é revelar os segredos que a consciência desconhece e realmente o faz com incrível perfeição.

O “sonho manifesto”, isto é, o sonho tal como nos lembramos dele, segundo Freud, é como a fachada de uma casa: à primeira vista nada revela de seu interior, que fica oculto por detrás da chamada censura do sonho. Permitindo-se que a pessoa fale sobre os detalhes de seu sonho—obedecidas determinadas regras técnicas – vemos que as ideias que ocorrem seguem todas uma mesma direção, concentrando-se em torno de um assunto específico, de significado pessoal. Inicialmente, essas ideias assumem um sentido que se dissimulava por trás do enredo do sonho. Uma análise comparativa minuciosa desse sentido pode revelar, no entanto, a relação sutilíssima dos seus menores detalhes com a fachada do sonho. Esse complexo específico de pensamentos em que se concentram todos os fios dos sonhos é o conflito procurado, que se apresenta numa variação condicionada pelas circunstâncias (JUNG, 1995, p. 13).

Neste trabalho apresentaremos uma tradução de *El discurso vacío*, de Mario Levrero. Faremos considerações sobre a relação entre a literatura e a autobiografia, sobre a vida e a obra do autor, uma breve análise sobre algumas escolhas tradutórias e, finalmente, faremos nossas considerações finais.

1. LITERATURA E AUTOBIOGRAFIA

Na minha pesquisa, busquei entender como a autobiografia se desenvolveu enquanto gênero literário e como ela foi explorada pelo escritor Mario Levrero. A autobiografia não tinha a reputação literária que desfruta atualmente.

Somente nas últimas décadas ela logrou ser reconhecida como um gênero literário importante à revelia de muitos críticos literários que a consideram apenas um relato da vida pessoal do escritor.

Não fosse a máxima filosófica de Sócrates “conhece-te a ti mesmo”, talvez estivessem certos esses críticos porém, o contexto também influencia a vida e, conseqüentemente, a obra de um escritor.

Tem-se notícia de que o gênero autobiográfico remonta ao hábito cristão de exame da consciência. Essa crença na origem essencialmente religiosa da autobiografia foi corroborada por Santo Agostinho ao escrever “Confissões”, provavelmente, entre os anos 395 e 397 d. C.

Meu objetivo não é suscitar um intenso debate sobre a autobiografia e sim contribuir para que ela possa ser estudada dentro do âmbito literário. Não se sabe quando surgiu o termo autobiografia mas se tem como certo que a obra de referência sobre tal gênero, desde a Idade Média, é “Confissões” de Santo Agostinho.

No Brasil, o gênero autobiográfico ganhou força pelas mãos de escritores como Joaquim Nabuco (Minha formação, 1900), Graciliano Ramos (Infância, 1945) etc. Inclusive, tais escritores são tidos como iniciadores do referido gênero no Brasil.

Tem-se conhecimento de que o gênero autobiográfico iniciou-se a partir do século XVIII e se firmou no século XX. É interessante notar que a autobiografia pode revelar não somente uma realidade pessoal como também um determinado contexto com suas respectivas influências marcantes.

Uma autobiografia pode ser decisiva para se conhecer e compreender um determinado momento histórico. Ela pode trazer consigo fatos da vida social, política, econômica, cultural etc. que marcaram uma época. Uma experiência pessoal pode revelar um comportamento coletivo.

Considerada pela crítica literária acadêmica latino-americana como uma das obras literárias mais importantes do escritor uruguaio Jorge Mario Varllota Levrero, *El discurso vacío* é apresentado como uma novela não convencional em formato de um diário íntimo onde o autor escreve sobre a própria vida associando a prática da escrita (não propriamente a caligrafia) a uma busca introspectiva como se aquela fosse uma autobiografia para encontrar respostas a dramas existenciais. Para seduzir e se aproximar do leitor, o autor explora um estilo próprio usando uma narrativa onírica e desenvolvendo o texto com muito humor. É como se o autor visse, nos sonhos (imagens), uma forma eficaz de estabelecer um forte vínculo com o leitor reforçando o caráter intimista da obra e, quisesse, com a irreverência, quebrar o clima de tensão permanente gerado pelos conflitos com Alicia.

Escritor muito habilidoso e bom conhecedor da natureza humana, soube utilizar, com elegante destreza, sua veia humorística para prender a atenção do leitor. O próprio autor reconhece que o humor é o “culpado” (grifo meu) por ter conquistado tantos amigos durante sua vida. A ostensiva aplicação de uma narrativa fluida, suave e linear, com uma separação do texto em datas e subtítulos, o uso de uma linguagem informal com um conteúdo, às vezes, erotizante e marcada por traços de oralidade, a tensão gerada pelo discurso, propositadamente, ora pessimista ora otimista diante do cotidiano da vida e sua imensa capacidade de interagir com o público que o lê, mostram uma premeditada preocupação do autor em cativar a atenção do leitor.

O enredo aborda de uma maneira simples e direta as angústias de um homem com sua idade, seu trabalho e sua relação conjugal com Alicia mas, que vê, na prática da palavra manuscrita, a possibilidade de se redimir de seus “pecados”, de se transformar em um novo homem e, finalmente, se libertar das armadilhas do inconsciente manifestado através dos sonhos.

A data de publicação da referida obra, 1996, pode nos dar uma ideia da insatisfação permanente do autor com o mercado editorial uruguaio. Este inconformismo nos revela a dificuldade do escritor em divulgar o seu trabalho já que havia se passado 5 anos desde a conclusão dela. *El discurso vacío* foi para as gôndolas das livrarias uruguaias pelas mãos de Edições Trilce, uma das mais famosas editoras do Uruguai fundada em 1985 e que já publicou 1000 títulos até o momento, desde o final dos anos 1990 participa do movimento de editoriais independentes e está voltada para as ciências sociais e a literatura infanto-juvenil. A novela foi publicada também na Argentina e na Espanha.

2. O AUTOR E A OBRA

Mario Levrero, como era mais conhecido no mundo literário, assinava obras com o nome de Jorge Varllota, como fez por exemplo em textos humorísticos na revista *Misia Dura* um suplemento do diário *El Popular*. Ele é considerado pela crítica literária como um dos integrantes do grupo denominado como “os raros” do qual fazem parte também renomados escritores uruguaios como Felisberto Hernández, Armonía Somers e José Pedro Díaz e Juan Carlos Onetti. Há referências estrangeiras como Kafka, que era seu grande mestre.

Especificamente, sobre *El discurso vacío*, podemos entender que as famosas interrupções (Alicia reclamando, o cachorro Pongo latindo, a campainha e o telefone tocando, o filho Ignacio demandando por atenção e os afazeres da empregada) citadas pelo autor, têm influência e funcionam como uma espécie de atualização kafkaniana e que a presença de um erotismo solto pode ser uma influência contemporânea da escritora Armonía Somers do grupo dos “raros” a qual lhe foi negado publicar um verso de um de seus poemas que dizia “Un pañuelo con sangre semen lágrimas”. A literatura erótica, segundo Idea Vilariño, não foi uma constante na narrativa uruguaia e, talvez por isso, Mario Levrero, soube explorá-la com maestria nos sonhos que relatava.

Mario Levrero nasceu em 23 de janeiro de 1940 e morreu em 30 de agosto de 2004, em Montevidéu, capital do Uruguai. Apesar de ter vivido a maior parte de sua vida em Montevidéu, também fixou residência em outras cidades uruguaias (Colonia e Piriápolis), na Argentina (Buenos Aires e Rosario) na França (Bordeaux). Sempre reclamava de sua condição de escritor porque dela, explicava que, não conseguia viver uma vida financeira que tanto almejava. O esperado reconhecimento financeiro pelo seu trabalho como escritor só veio no ano de 2000 com uma bolsa nos Estados Unidos da Fundação John Simon Guggenheim que o inspirou profundamente a escrever outra novela sua consagrada pela crítica “*La Novela Luminosa*” obra literária do autor publicada postumamente em 2005 pela editora Alfaguara no Uruguai. Mario Levrero realizou várias atividades laborais, entre elas, foi fotógrafo, livreiro, humorista, compositor, roteirista de gibis, coordenou oficinas de literatura, escreveu um manual de parapsicologia, etc.

Os versos contidos no prólogo da obra dão o tom do discurso intimista que irá impregnar o enredo com a abordagem da vida cotidiana do autor e o relato dos sonhos assumem o papel de manter uma fronteira, ainda que porosa, entre o real e o imaginário.

Assim, nas palavras que os versos contam, há alguma coisa que ele busca e não encontra, aparece e some, esquece, está próxima do amor mas não é exatamente amor, se confunde com liberdade, verdade, identidade do ser, às vezes está nele, recorda, pensa, conhece, inútil buscá-la, se esconde (sem isso a vida não vale é quase chegar ao suicídio). Este é o seu mal e sua razão de ser.

Se considerarmos que, atualmente, o conceito de família está estratificado e ampliado por novas formas de convivência familiar, nos chama a atenção o fato de o autor, em sua dedicatória do livro, citar o cachorro Pongo como membro da família. Não que isso nos cause estranheza, pelo contrário, apenas confirma a genialidade do autor em sua apurada sensibilidade humorística para retratar uma época que ecoa até nos dias de hoje. Não é por demais pensar que a presença do referido cachorro no enredo possa ser fruto da intenção do escritor em humanizar o biografado. Um observador atento da obra, o escritor e amigo argentino Elvio Gandolfo, afirmou que as intervenções do animal, eram uma forma de resgatar a Mario Levrero do transe em que ele vivia.

Ouso ir mais além em minha reflexão sobre a presença do cachorro na narrativa. Pena que essa reflexão não possa haver sido corroborada pelo próprio autor ainda em vida o que me deixaria mais aliviado. Penso que o autor, ao introduzir a figura do cachorro na trama, tinha séria pretensão de mostrar que era um cidadão universal, um homem do seu tempo, que se transporta fortemente ao presente o que nos dá uma certa sensação de atualidade. É curioso notar que o assunto do meio ambiente (portanto envolvendo causas dos animais) já estava sendo intensamente discutido à época da publicação do livro. Em 1992, por exemplo vivenciamos, a Eco-92 no Rio de Janeiro.

Minha ousadia é menor do que a de uma crítica montevideana que, segundo Elvio Gandolfo, chegou a afirmar que Levrero estava esquizofrênico ao tentar mostrar, no livro, a possibilidade de mudar a personalidade (alterações psíquicas) mudando a caligrafia. Nas palavras de Gandolfo:

Está dicho muy claramente en el propio libro. Uno de los proyectos era cambiar la personalidad cambiando la caligrafía de la escritura a mano. En un homenaje medio torcido que se hizo poco después de su muerte, una crítica montevideana dijo que eso demostraba que Levrero estaba esquizofrénico (sic). Sin embargo un gran escritor estadounidense, William Gass, había hecho lo mismo, y describía las consecuencias en su literatura (lo declaró en una entrevista a The Paris Review). Una realidad donde todos los escritoras-escritores creativa/os e investigadora/es estuvieran internada/os en psiquiátricos y todos los críticos y críticas estuvieran sueltos, sería una pesadilla. (GANDOLFO, 2013)

O autor explora com especial habilidade a tensão da relação conjugal vivida com Alicia por quem nutre uma desconfiança de que ela estivesse aliada ao diabo. Para ele, seu estilo de vida Zen não combinaria o de Alicia. Nem por isso ele perde as esperanças de que essa relação superaria todas as dificuldades e a conciliação chegaria, enfim, a bom termo. Dessa forma, ele consegue prender o leitor numa expectativa de final feliz.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autobiografia é considerada uma das várias formas de manifestação do eu. Sempre, é muito difícil falar de si mesmo. Apesar disso, a narrativa autobiográfica pode oferecer um mundo de possibilidades epistemológicas porque ela pode permitir uma aproximação do texto a partir de vários olhares. Assim, podemos apreender fenômenos psicológicos, sociológicos, históricos, etc. das escritas do eu.

Apesar dos avanços no conhecimento desse gênero literário ele ainda se revela um rico território a ser explorado. Há um grande interesse acadêmico pelo assunto. No panorama da narrativa uruguaia, Mario Levrero e outros escritores são referência nesse gênero porém, há poucos anos atrás, Levrero não era muito lido e sua obra (mais de 30 livros) era quase desconhecida fora do Uruguai. Atualmente, o escritor está sendo redescoberto internacionalmente através das reedições de seus livros principalmente na Europa e em outros países latino-americanos e de um crescente número de trabalhos acadêmicos interessados no universo levreriano.

No Brasil, o escritor Joca Terren realizou, em 2013, a primeira tradução em língua estrangeira de um romance (Deixa comigo) de Levrero e sua obra mais consagrada pela crítica, La Novela luminosa, também está sendo traduzida para o português desde dezembro de 2015 pelo escritor Marcelo Alcaraz. O grupo de escritores ao qual Levrero fazia parte, representou um rompimento com a “geração crítica de 1945” (Idea Vilariño, Juan Carlos Onetti, Mario Benedetti, etc.).

A leitura de uma autobiografia representa um enorme desafio como texto literário. É impossível falar nas escritas de si sem fazer menção à teoria do “pacto autobiográfico” do crítico francês Philippe Lejeune que contribuiu para o estudo e uma melhor compreensão desse gênero. Para ele, a autobiografia representa um pacto entre a identidade onomástica do autor, narrador e personagem com a fidelidade irrestrita aos fatos narrados.

Ao beber da fonte da autobiografia, Levrero conquistou um importante espaço narrativo e foi um dos escritores que encarnaram uma mudança de paradigma da tradição literária uruguaia à época ao eleger a literatura imaginativa, do fantástico onírico como inspiração para suas obras.

4. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Pedro Galas Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. Dissertação de mestrado TEL-UnB. Brasília: 2011. 107 p.

BRUCK, Mozahir Salomão Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real. 1. ed. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009. 224 p.

DOSSE, François O desafio biográfico: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009. 440 p.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo FREUD e o inconsciente. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. 237 p.

JUNG, Carl Gustav O Eu e o Inconsciente. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 176 p.

JUNG, Carl Gustav Psicologia do inconsciente. Tradução de Maria Luiza Appy. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 160 p.

LACAN, Jacques O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 532 p.

SILVA OLAZABAL, Pablo. Levvero, el secreto mejor guardado. Disponível em http://www.revistaenie.clarin.com/literatura/ficcion/Levrero-secreto-mejor-guardado_0_1261673839.html. Consulta: 26/05/2016.

VIDAL, Paloma. Máquina de pensar Levvero. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/a-maquina-de-pensar-em-levrero/>. Consulta: 26/05/2016.